

NERVOSO MESTRE,  
DOMADOR VALENTE/  
DA RIMA E DO SONETO  
PORTUGUÊS  
JOÃO PENHA (1839-1919) E O SEU TEMPO

COORD.  
FRANCISCO TOPA  
ELSA PEREIRA

**Título: *Nervoso Mestre, Domador Valente/Da Rima e do Soneto Português:  
João Penha (1839-1919) e o Seu Tempo***

Coordenação: Francisco Topa, Elsa Pereira

Design gráfico: Helena Lobo Design | [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

Imagem da capa: Composição da imagem da capa de Marta Sofia Costa a partir de fotografia de João Penha da autoria de P. Marinho, de setembro de 1900, e do jornal «A Folha», n.º 1 (1868)

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | [www.citcem.org](http://www.citcem.org) | [citcem@letras.up.pt](mailto:citcem@letras.up.pt)

ISBN: 978-989-8970-04-6

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-04-6/ner>

Porto, dezembro de 2018

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 — Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

# NOTA INTRODUTÓRIA

FRANCISCO TOPA  
ELSA PEREIRA

Este volume, dado ao prelo numa altura em que se assinala o centenário da morte de João Penha, recupera e amplia alguns dos trabalhos apresentados no colóquio *Nervoso mestre, domador valente/da Rima e do Soneto português: João Penha (1839-1919) e o seu tempo*, que se realizou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a 9 e 10 de fevereiro de 2017. Durante dois dias, especialistas de várias universidades portuguesas, e também da Galiza, reuniram-se em torno da figura de João Penha, tendo como pano de fundo um período especialmente fértil na cultura portuguesa e europeia: os anos de 1839-1919.

Boémio carismático da tradição estudantil e agente dinamizador do mundo das letras, o nome de João Penha encontra-se inscrito nos anais literários, desde a publicação d' «A Folha» (1868-1873), o *microcosmo literário* da segunda geração coimbrã. Sob a exigência do seu magistério, reconhecidamente exercido ao nível da correção linguística e formal, revelaram-se e apuraram-se algumas das grandes vocações poéticas do nosso fim de século, granjeando-lhe, nas palavras de Gonçalves Crespo, o sugestivo epíteto de «Nervoso mestre, domador valente/ da Rima e do Soneto português»<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> CRESPO, Gonçalves (1913) — *Obras Completas*. 2.ª ed. Lisboa: Santos & Vieira, p. 293.

Partindo dos documentos reunidos na edição crítica e genética das *Obras de João Penha*, publicada em 2015<sup>2</sup>, este colóquio pretendeu impulsionar a revisão analítica da poesia penhiana e do contexto finissecular alargado, privilegiando algumas linhas estratégicas no plano de investigação do CITCEM. Em foco estiveram, antes de mais, as ideias e a prática poética do vate bracarense, mas também os hábitos de escrita de outros autores contemporâneos, como Camilo Castelo Branco. Abordaram-se as relações de Penha com alguns dos seus discípulos e companheiros de letras (como Guerra Junqueiro ou Joaquim de Araújo), estabeleceram-se aproximações entre a poesia penhiana e a literatura europeia (nomeadamente francesa, espanhola e inglesa) e evidenciou-se o legado do poeta em espaços literários ultramarinos, como Angola ou o Brasil. Também a conjuntura histórica nacional e as cidades onde Penha viveu foram objeto de reflexão durante o encontro e serão agora revisitadas em livro.

À semelhança do colóquio apoiado pelo CITCEM, este volume obedece a uma estrutura temática, dividida em cinco partes: *a obra e as ideias de João Penha; ecos estrangeiros na obra penhiana; a génese dos textos; João Penha e os discípulos; o poeta e o seu tempo*.

A primeira parte abre com um contributo de Ernesto Rodrigues, onde o investigador percorre a principal bibliografia crítica em torno de João Penha, para depois identificar três vetores fundamentais em que assenta a vertente *filintista* da sua obra: «o anúncio [...] de rebates de alma dorida por força do longo exílio», a ponderação metapoética «em defesa de uma medida regular» com «ondulação rítmica, não mecânica» e ainda a «reflexão, no corpo do texto, sobre a sorte e mutações do idioma». Este zelo purista, de apego à integridade clássica da língua, é aliás corroborado por Clara Barros, no segundo capítulo, onde analisa as posições ortográficas de Penha, à luz das grandes discussões travadas no início do século XX, em torno da Reforma Ortográfica de 1911. Ainda no primeiro bloco temático, Paulo Pedrosa Gomes propõe analisar a arte poética penhiana, identificando alguns pontos de convergência com a estética parnasiana francesa. Segundo o autor, esta afinidade foi, no entanto, ténue, e o relativo alheamento de Penha face às novidades vindas de França terá sido mesmo o fator que mais impediu o antigo diretor d'«A Folha» de subverter padrões literários dominantes, e com isso alcançar um estatuto maior no cânone literário português.

De resto, também Álvaro Manuel Machado, no capítulo que abre a segunda parte do livro, reconhece em João Penha uma atitude de mera curiosidade formal relativamente ao parnasianismo e uma rejeição lapidar de todos os francesismos em geral, mesmo tendo em conta alguns pontos de contacto com a estética de Baudelaire,

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Elsa (2015) — *Obras de João Penha: Edição Crítica e Estudo*. Pref. de Francisco Topa. Porto: CITCEM. livro + CD-rom.

analisados por Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos. Por outro lado, se a obra e o pensamento de João Penha parecem pautar-se por um certo distanciamento face à cultura francesa, o mesmo se pode observar também relativamente aos universos inglês e espanhol. Jorge Bastos da Silva, ao debruçar-se sobre a presença de elementos da cultura britânica na obra penhiana, não tem dúvidas em afirmar que, embora frequentes, essas referências são quase sempre superficiais ou periféricas — e isto apesar da grande admiração de Penha por autores como Shakespeare ou Byron. Idêntica conclusão é aliás avançada por Gabriel Magalhães, no capítulo dedicado à «Espanha na obra poética de João Penha». Contabilizando as referências espanholas que aparecem no volume II da edição crítica, o investigador reconhece no poeta um certo fascínio pela cultura do país vizinho, mas ressalta a superficialidade dessas mesmas alusões, invariavelmente marcadas pelo estereótipo anedótico e quase sempre confinadas à faceta romântica de D. Juan, com quem João Penha estabelece uma espécie de identificação por osmose.

A terceira parte do livro é dedicada à *gênese dos textos* e abre com um texto de Elsa Pereira, apresentando, em linhas gerais, o modelo adotado na edição crítica e genética das obras penhianas. Depois de sistematizar o conteúdo e a natureza dos materiais compilados no «Arquivo documental» da edição, é avaliado o impacto que este dispositivo de paragéneses pode ter na experiência de leitura dos textos, tomando como exemplo um poema concreto do nosso autor. No caso em apreço, o que a exogênese parece documentar, em última instância, é uma série de etapas criativas que se escondem antes e depois da fase redacional, traduzindo-se num contínuo aperfeiçoamento do texto, que levou João Dionísio a ressaltar a preferência sistemática do autor pela forma final de uma variação que lhe é constitutiva. E se os hábitos revisórios de Penha motivaram o poeta, por exemplo, a reescrever as *Rimas* ao longo de dez anos, não é menos surpreendente verificar que também Camilo Castelo Branco era, nessa mesma década de 70, um autor que, afinal, reescrevia extensivamente os seus manuscritos, como demonstra a minuciosa análise de Cristina Sobral ao autógrafo d'*A Caveira da Mártir*.

Até mesmo ao nível da crítica textual seria possível, portanto, estabelecer pontos de convergência entre João Penha e um colaborador d'«A Folha» como Camilo Castelo Branco, mas é sobretudo na quarta parte do livro que encontramos maiores aproximações aos escritores contemporâneos. Francisco Soares procura evidenciar a influência penhiana nalguns poetas do nosso espaço ultramarino, como José da Silva Maia Ferreira ou Pedro Félix Machado. Além de uma série de coincidências formais entre estes poetas, o investigador destaca «a comparência, convincente, de estruturas disfemísticas» que foram marcantes no estilo particular de Penha (e também evidenciadas por Carlos Nogueira, no capítulo dedicado à presença da sátira na obra do nosso autor). A concluir o capítulo, Maria Amélia Maia fala-nos ainda

da figura ímpar de Joaquim de Araújo e do papel dinamizador que este assumiu na divulgação, tanto da obra penhiana, como de toda a cultura portuguesa além-fronteiras.

O volume encerra com um último conjunto de trabalhos que procura enquadrar o poeta no seu tempo histórico. Armando Malheiro da Silva, Eduardo Pires de Oliveira e Maria Aparecida Ribeiro centram-se, respetivamente, nas conjunturas históricas em que viveu o poeta e nos ambientes específicos de duas cidades que marcaram a sua existência: a Braga dos arcebispos e a Coimbra dos estudantes, que foi também terra natal de Amélia Janny (uma das poucas colaboradoras femininas d'«A Folha»).

Chegados à última página do livro, diremos que este conjunto de ensaios diversos se configura apenas como um espaço de diálogo, no sentido etimológico do termo; um caminho entre as ideias, que nasce a partir dos textos de João Penha, agora recuperados numa edição crítica e genética que nos convida à leitura. Essa é, afinal, uma das missões da Universidade, também expressa por Gabriel Magalhães: «renovar aquilo que estava envelhecido através de uma nova luz que sobre isso se projeta. Penha foi retirado do armário de esquecimentos em que estava sumido». Cabe agora a cada um dos leitores continuar esse caminho de descoberta, em torno de uma das figuras incontornáveis do nosso século XIX.